

Cronologia dos contactos que levaram ao Acordo

N. 17/3/84

Para que a política de coexistência da República Popular de Moçambique se tornasse realidade em relação à África do Sul, foi preciso toda uma série de contactos diplomáticos com o Governo sul-africano.

Os contactos iniciaram-se logo após a independência de Moçambique, e neles estiveram envolvidos Sérgio Vieira e Brandt Fourie.

Sérgio Vieira, actual Vice-Ministro da Defesa com patente de Coronel, era na altura Director do Gabinete da Presidência da República. Brandt Fourie era o Director-Geral dos Negócios Estrangeiros em Cape Town, actualmente Embaixador sul-africano em Washington.

Os contactos entre os dois continuaram a acontecer mesmo quando Sérgio Vieira já era Ministro-Governador do Banco de Moçambique, embora não participasse nesses contactos a título ministerial.

As primeiras negociações a nível governamental, já de nível ministerial, tiveram lugar em Komatipoort, cidade sul-africana que faz fronteira com a província moçambicana de Maputo, em Dezembro de 1982 e, depois, no mesmo local, em Maio de 1983.

Nesses encontros, a delegação moçambicana foi dirigida pelo Major-General Jacinto Veloso, então Ministro da Segurança.

A delegação sul-africana era chefiada pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, Roelof Botha.

E ambos os encontros, Moçambique apresentou os pontos fundamentais para um Acordo de Não-Agressão e Boa Vizinhança: nenhum dos territórios deveria ser base para ataques ao outro, devendo a África do Sul abandonar imediatamente o apoio aos bandidos armados.

As delegações sul-africanas insistiram em acordos económicos, fazendo-se ignorante em relação aos bandidos que o exército sul-africano treinava e organizava. Moçambique manteve a sua posição inicial: não poderia haver qualquer acordo de natureza económica entre os dois países sem primeiro haver um acordo de segurança.

A esses dois encontros a África do Sul respondeu com mais agressões. Pretória aumentou o seu apoio aos bandidos e aumentou também a participação directa de oficiais seus em acções dos bandidos assim como o número de agressões directas.

Na maioria das capitais ocidentais, a atitude dominante era propícia às agressões sul-africanas. Vários governos ocidentais continuavam a ver o conflito na África Austral no contexto da chamada confrontação Leste-Oeste. Para esses governos, a África do Sul continuava a ser «aliada do Ocidente» — embora o «apartheid» fosse condenado verbalmente — e Moçambique era um «satélite da União Soviética». Especificamente em Washington, a Administração do Presidente Ronald Reagan continuava a analisar a África Austral apenas em função do conflito global com a União Soviética. O facto de a maior parte dos Órgãos de Informação ocidentais ter os seus escritórios regionais na África do Sul, muito contribuiu lado a lado com a propaganda sul-africana, para esta definição incorrecta do que se passava na África Austral.

Esta realidade, perigosamente adversa aos interesses nacionais de Moçambique, foi detalhadamente estudada na 10.ª Sessão do Comité Central do Partido Frelimo em Agosto de 1982. O Comité Central tomou então três decisões: transformar a economia moçambicana numa economia de guerra; lançar uma ofensiva coordenada das Forças Armadas de Moçambique (FPLM) contra os

bandidos armados; e lançar uma ofensiva diplomática no Ocidente.

Em Agosto de 1983 já a ofensiva das FPLM começava a dar frutos com a destruição de muitos acampamentos dos bandidos em várias províncias do País.

A viagem do Presidente Samora Machel a seis países europeus — cinco dos quais ocidentais —, em Outubro desse ano, quebrou o isolamento crescente de Moçambique. Em Portugal,



Na Cidade do Cabo, Pieter Botha recebe delegação moçambicana

França e Inglaterra, os seus dirigentes compreenderam finalmente que Moçambique não era, nem é, nem tencionava ser, cliente de nenhuma potência estrangeira. Compreenderam, inclusivamente, que parte das muitas dificuldades que o país enfrenta advém do facto de a Frelimo ter escolhido, acima de tudo, a manutenção da soberania. A esta nova e correcta percepção juntou-se, com mais clareza e consequência, a compreensão de que na África Austral o centro da desestabilização era o regime de Pretória.

Não causou surpresa, pois, que Roelof Botha tenha encontrado demasiadas portas fechadas quando foi à Europa logo a seguir ao regresso de Samora Machel a Moçambique.

Pouco depois, o Presidente moçambicano recebia em Maputo os primeiros emissários que, em nome de Pieter Botha, vinham trazer um pedido sul-africano: a África do Sul estava disposta a retomar o processo de negociações que Moçambique iniciara.

É assim que surge o encontro de 20 de Dezembro de 1983 em Mbabane, na Suazilândia.

Seguiu-se o encontro simultâneo de Maputo e Pretória a 16 de Janeiro de 1984 e a 20 de Fevereiro houve outro encontro em Maputo. Nesse dia o Presidente Samora Machel recebeu os três ministros da delegação sul-africana, Roelof Botha, Louis Le Grange (Lei e Ordem) e o General Magnus Malan (Defesa).

Na semana seguinte o Conselho de Ministros moçambicano aprovou os princípios de uma proposta de Acordo de Não-Agressão, proposta esta que foi levada às conversações de Cape Town a 4 de Março último. Quer os princípios, quer a proposta, continuam fundamentalmente os pontos de vista defendidos pela delegação moçambicana no primeiro encontro de Komatipoort em Dezembro de 1982.

Na Cidade do Cabo, a delegação moçambicana, chefiada pelo Major-General Jacinto Veloso, teve um encontro com o Primeiro-Ministro sul-africano Pieter Botha.

O comunicado final destas conversações de Cape Town dizia que os encontros com Samora Machel e Pieter Botha haviam sido vitais para os passos positivos conseguidos.